

QUÉAU, Philippe. Cibercultura e info-ética¹

O que é cibercultura? Qual o seu papel? O que significa civilizar a mundialização da economia e a globalização cultural?

Quéau define cultura como um mecanismo de interação entre os indivíduos capaz de gerar “meios de agir a fim de aumentar a beleza e a sabedoria no mundo... a cultura é como a natureza: ela vive pela respiração, pelos fluxos, pelos sopros, pelas fecundações e mestiçagens” (Freire **apud** Quéau, 2004)².

Para Quéau, a globalização econômica, tecnológica e ambiental ameaçam a diversidade cultural, havendo necessidade da criação de uma cultura global – a cibercultura - capaz de reunir o global e o local de modo a compreender as novas formas da complexidade oriundas das relações entre a cultura local e a global, de modo a atenuar, a civilizar a globalização: “[...] Existe um equilíbrio a ser encontrado [...] em relação às diferenças entre os povos e o que os reúne, entre o gênio próprio a cada povo e suas aspirações comuns [...]”. A cibercultura só merecerá realmente este nome quando terá sabido encarnar as aspirações profundas dos cidadãos planetários em que nos estamos transformando” (Freire **apud** Quéau, 2004).

A cibercultura acompanha o desenvolvimento das autovias da informação, do ciberespaço e das novas técnicas de representação (imagens digitais, realidade virtual, comunidades virtuais). Nela, “[...] elaboram os novos comportamentos intelectuais e culturais, capazes de encarnar concreta e praticamente a questão do universal [...] deve também tornar-se o lugar do florescimento de uma ética adequada à sociedade mundial da informação, a info-ética.” (**Ibidem**).

O que justifica a intervenção do Estado como regulador do acesso à informação?

Dado o caráter estratégico da informação, para evitar mecanismos de exclusão, há a necessidade da criação de políticas públicas de forma a garantir um conhecimento

¹ QUÉAU, Phillippe. Cibercultura e info-ética. **In:** MORIN, Edgar (Org). **A religação dos saberes: o desafio do século XXI**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001, p. 460-480.

² FREIRE, Maria Isa. Resenha: Cibercultura e info-ética. **Informação & Sociedade**, 14(1), 2004. Disponível em []. Acesso Jun 2005.

compartilhado e assim preservar a diversidade cultural: “[...] o acesso gratuito e universal à informação pública é uma condição para a justiça social, para a construção da identidade coletiva, da solidariedade” (**Ibdem**).

Podemos afirmar existir uma práxis a ser desenvolvida pelos profissionais da informação, em especial, os pedagogos, na construção de uma info-ética?

A info-ética não é uma nova ética. Ao contrário, procurando resgatar a solidariedade num mundo cada vez mais independente e o lugar do ser humano num mundo dominado por máquinas, apóia-se nos valores éticos fundamentais: igualdade, justiça e dignidade para todos. Na sociedade mundial, a responsabilidade dos profissionais da informação é cada vez maior, uma vez que significa um olhar que contemple verdadeiramente o outro e se traduza no desenvolvimento de uma *práxis*, capaz de nos aproximar das pessoas e grupos nos quais a informação que produzimos poderá se manifestar como possibilidade de conhecimento.

O mundo precisa de uma visão, de um projeto que possa levar em conta todos, especialmente os mais pobres e mais deserdados. São eles, de fato, que detêm a chave do futuro. Se não levarmos isso em conta, iremos coletivamente em direção à nossa perda e eles conosco. São eles que nos farão ‘mais ricos devido às diferenças [pois] o bem comum é representado pela existênciado outro. E aquele que é mais desfavorecido é ainda mais outro, exatamente porque ele é o mais desfavorecido. (**Ibdem**)